

Editorial

Essa edição de *Galáxia* traz, além dos artigos, um dossiê sobre “Comunicação e biopolítica”, tema fundamental para se entender o funcionamento da sociedade de consumo globalizada. A passagem do capitalismo de produção para o de consumo trouxe para primeiro plano o funcionamento comunicacional das sociedades do século XX, organizadas em torno dos dispositivos midiáticos.

A teoria foucaultiana apontou nos limiares da Idade Moderna o processo pelo qual “a vida natural começa a ser incluída nos mecanismos e nos cálculos do poder estatal, e a política se transforma em biopolítica” (AGAMBEN, 2002, p. 11). Nos últimos séculos a vida biológica passou a ter grande importância, ao lado da saúde da nação. Que consequências isso teve? O que isso implica em termos de política? O que a vida nua, que vale por seu valor exclusivamente biológico, tem a ver com a política contemporânea? Por que é fundamental estudar essa temática hoje no campo da comunicação?

Tais questões foram propostas para este dossiê.

Em primeiro lugar, é necessário dizer que agradecemos a Paula Sibilía por sua participação como consultora especial em todo o processo de elaboração do dossiê, desde a formulação da chamada de trabalhos até a seleção dos textos.

Toby Miller, professor da Universidade de Califórnia, em Riverside, aproxima Foucault e Marx para entender o papel das mídias no neoliberalismo. Miller propõe duas direções: 1) a busca pela compreensão da crescente biopolitização da vida cotidiana a partir de um economicismo antropomorfizador; 2) a fundamentação dos movimentos sociais na construção, contra o neoliberalismo, de um contradiscurso ao economicismo midiático hegemônico. Pablo Rodríguez, docente da Universidade de Buenos Aires, examina, também a partir de Foucault, como a biopolítica atual depende da informação e da comunicação para fazer

circular as modalizações da Grande Saúde e converte a saúde na chave principal do capital humano que move o capitalismo cognitivo. O autor busca pensar no perigo de separar, nesse contexto, corpo e vida. O que fazer? Apostar no humanismo?

Ieda Tucherman examina as relações entre mídia e representações públicas da ciência, discutindo o “indivíduo somático” e a indústria midiática de autoajuda. O que a autoajuda tem a ver com a biopolítica? Vander Casaqui e Tânia Hoff, da ESPM, abordam o mundo do trabalho, examinando as representações de corpo em imagens no começo e em meados do século XX e no começo do XXI. Como se construíram as relações entre comunicação, produção e corpo do trabalhador nesses três momentos? Carla Baiense Felix, doutoranda na UFRJ, examina a relação entre fome e risco de instabilidade social em reportagens de *O Globo*, entendidas como sintomas da biopolítica atual. Carla Rodrigues, professora da PUC-Rio, discute a incorporação, na cultura, de valores ligados ao capitalismo informacional (ou cognitivo): o uso das redes sociais e da web nos dispositivos móveis num contexto social de ausência de instituições normativas. André Brasil, da UFMG, e César Migliorin, da UFF, examinam as “imagens amadoras” e seu viés biopolítico, bem como o modo de capitalização da vida aí engendrado. Produção vinda do antes receptor, agora enunciador colaborador, coloca-se cada vez mais como estimulada pelo capital e apropriada como participação ativa, agenciada e modulada dentro da nova economia imaterial, sob tensão biopolítica. Lucia Leão, da PUC-SP, examina uma série de questões biopolíticas nos processos de criação transmidiáticos, que produzem rotas de fuga. Marco Schneider, doutor pela ECA/USP, propõe uma saída do registro foucaultiano, ao examinar a relação entre os corpos mediada pelo gosto. Ilana Feldman, doutoranda na ECA/USP, examina filmes que operam em horizontes biopolíticos de indeterminação, colocando-os sob crítica. Bráulio de Brito Neves, doutorando na Unicamp, investiga o ciberativismo e, em particular, um ciberdocumentário e suas estratégias de resistência.

Entre os artigos, apresentamos as produções de Simone Maria Andrade Pereira de Sá e Ariane Diniz Holzbach, Claudia Irene de Quadros, Itanel Bastos de Quadros Jr. e Pere Masip Masip, Eduardo Duarte Gomes da Silva, Lia Luz, Luciana Souza e Pedro Henrique Reis.

A revista, finalmente, resenha cinco livros: *A nova retórica do capital*, de Maria Eduarda da Mota Rocha, *The politics of life itself*, de Nikolas Rose, *A utopia provinciana*, de Paulo Carneiro da Cunha Filho, *Epistemologias do sul*, organizado por Boaventura de Souza Santos, e finalmente *Vigilância e visibilidade*, organizado por Fernanda Bruno e outros.

José Luiz Aidar Prado

Editor

Referências

AGAMBEN, G. (2002). *Homo sacer*. Belo Horizonte: UFMG.